



O CASO ÚLTIMA HORA E A CRISE DE AGOSTO DE 1954

GUIMARÃES, Maikio ¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivos analisar a atuação do jornalista Carlos Lacerda no episódio conhecido como Caso Última Hora e verificar o impacto do escândalo na crise política de agosto de 1954. As denúncias contra os negócios do jornalista Samuel Wainer movimentaram a vida pública brasileira durante o último governo do presidente Getúlio Vargas (1951-1954). Para atingir as metas estabelecidas, o trabalho contou com uma ampla revisão bibliográfica sobre o trabalho da imprensa, seus personagens e a política brasileira na década de 1950. Da mesma forma, foi feita uma análise dos artigos escritos por Lacerda no jornal Tribuna da Imprensa. Foi constatado que todas as denúncias feitas por Carlos Lacerda contra Samuel Wainer eram verdadeiras. O tom agressivo adotado pelo jornalista está em sintonia com o padrão de imprensa brasileira nos anos 50. Nos primeiros movimentos, o Caso Última Hora parecia uma rusga entre empresários rivais. A entrada de outros personagens e a comprovação das suspeitas transformou o episódio em um escândalo nacional. Ao ficar evidente o apoio do presidente Getúlio Vargas para Samuel Wainer fundar o jornal Última Hora, o governo mostrou uma fragilidade que os adversários não perdoaram. Segmentos da imprensa e os integrantes da União Democrática Nacional, principal partido de oposição, ampliaram a ofensiva contra a gestão do pai dos pobres. O desfecho da crise foi o suicídio de Vargas em 24 de agosto de 1954.

¹ Jornalista. Mestre em Ciências Sociais pela PUCRS. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade São Francisco de Assis - UNIFIN. E-mail: maikiobg1984@gmail.com

Palavras-chave: Última hora. Carlos Lacerda. Samuel Wainer. Tribuna Imprensa. Getúlio Vargas. Crise de 1954.

ABSTRACT

This article aims to analyze the performance of the journalist Carlos Lacerda in the episode known as Caso Última Hora (Case Last Minute) and verify the impact of the scandal on the political crisis of August 1954. Complaints against the business of the journalist Samuel Wainer moved Brazilian public life during the last government of the President Getúlio Vargas (1951-1954). To achieve the goals set, the work had a broad literature review on the work of the press, its characters and Brazilian politics in the 1950's. Similarly, an analysis of the articles written by Lacerda in the Tribuna Imprensa newspaper was made. It was found out that all the complaints made by Carlos Lacerda against Samuel Wainer were true. The aggressive tone adopted by the journalist is in line with the standard of the Brazilian press in the 50's. In the first actions, Caso Última Hora (Case Last Minute) seemed to be a raid between rival businessmen. The entry of other characters and the proof of the suspicions turned the episode into a national scandal. By staying clear the support of the President Getúlio Vargas to Samuel Wainer to found the Última Hora (Last Minute) newspaper, the government showed a weakness that opponents have not forgiven. Segments of the press and members of the National Democratic Union, the main opposition party, expanded the offensive against the management of the father of the poor. The upshot of the crisis was Vargas' suicide on August 24th, 1954.

Keywords: Última Hora. Carlos Lacerda. Samuel Wainer. Tribuna Imprensa. Getúlio Vargas. Crisis of 1954.

1 INTRODUÇÃO

No início, uma aparente briga entre jornais concorrentes. Em seguida, um conflito de proporções nacionais que mexeu com a imprensa e a política brasileira. O episódio que ficaria conhecido como caso **Última Hora** colocou em trincheiras opostas dois grandes jornalistas brasileiros: Samuel Wainer e Carlos Lacerda.

Samuel Wainer, no início dos anos 1950, fundou o jornal **Última Hora**, que rapidamente virou um sucesso de vendas. A criação do novo periódico foi atacada desde o início por Carlos Lacerda, dono da **Tribuna da Imprensa**. As denúncias contra o jornal de Wainer ganham contornos de campanha quando Lacerda revela que Wainer havia obtido empréstimos irregulares do Banco do Brasil para a criação da **Última Hora**.

Os propósitos deste trabalho são analisar a conduta jornalística de Carlos Lacerda no confronto contra Samuel Wainer e o reflexo deste episódio na crise política de agosto de 1954. Para isto, são resgatadas as trajetórias de Lacerda e

Wainer, a fundação do jornal **Última Hora**, a importância do apoio do presidente Getúlio Vargas para a criação do periódico e quanto esta ajuda desagradou aos demais donos de jornais.

Em seguida, são apresentados os detalhes do caso **Última Hora**. Como começou, personagens envolvidos e principais denúncias. Para a execução do trabalho, foi realizada uma ampla revisão bibliográfica. Além disso, foram recuperados os artigos escritos por Carlos Lacerda e Samuel Wainer.

2 O JORNALISMO BRASILEIRO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

A opinião foi a característica preponderante do jornalismo brasileiro na primeira metade do Século XX. Analisar os fatos era mais importante que simplesmente apresentar os acontecimentos. Grosso modo, os periódicos eram criados para defender pontos de vista e atacar os desafetos. De acordo com Alzira Alves de Abreu: “Esse jornalismo de opinião tinha forte influência francesa e foi dominante desde os primórdios da imprensa brasileira até a década de 60.” (ABREU, 1996, p. 15).

O jornalismo era personalista, polêmico, violento, missionário. Consistia basicamente numa prédica: a pregação das verdades, das opiniões, das crenças, das simpatias dos que o faziam, dos donos dos jornais e dos grandes jornalistas. (SILVA, 1990, p. 86).

Os jornais adotam uma maneira menos artesanal e mais formal de fazer jornalismo durante os anos de 1950. Gradualmente, a redação dos textos procura dar ênfase aos dados relevantes. Estas alterações possibilitam a Fernando Lattman-Weltman afirmar que:

A década de 50 constitui um verdadeiro marco na história de nossa imprensa, marco que assinalaria a virtual superação, entre nós, daquilo que autores como Habermas chamaria de fase do “jornalismo literário”, e a entrada em definitivo nos quadros do chamado “jornalismo industrial”. (LATTMAN-WELTMAN apud ABREU, 1996, p. 158).

Como ressalta Alzira Alves de Abreu, o opinativo jornalismo brasileiro foi, em meados dos anos 1950, “gradualmente substituído pelo modelo norte-americano: um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa o comentário pessoal

da transmissão objetiva e impessoal da informação.” (ABREU, 1996, p. 15). A morte do presidente Getúlio Vargas em 1954 marcou a vida pública brasileira e também a maneira de se fazer jornalismo no país.

A crise política que levou ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954 pode ser vista como um divisor de águas. A imprensa, que nos meses que precederam o 24 de agosto, exacerbou a linguagem violenta e apaixonada utilizada no tratamento dos temas políticos, a partir desse acontecimento buscou maior objetividade na construção e transmissão da notícia. A forma de fazer oposição a Vargas foi percebida por parte da imprensa de oposição como parcialmente responsável por esse drama político, e uma nova imprensa foi surgindo a partir de então. (ABREU, 1996, p. 10).

3 CARLOS LACERDA E SAMUEL WAINER

Carlos Lacerda, com 16 anos, se apresentou para trabalhar no **Diário de Notícias** em 1930. Era o início de uma carreira que seria marcada por muitas polêmicas. No final da década, o jovem jornalista conseguiu emprego na revista **Observador Econômico e Financeiro**. Olímpio Guilherme, gerente da publicação, comunicou a Carlos que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) desejava incluir, na próxima edição da revista, um estudo histórico sobre o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Lacerda, que era ligado aos comunistas, aceitou a missão e escreveu a reportagem “A exposição anticomunista”, publicado em janeiro de 1939. Após a divulgação do material, o jornalista passou a ser repellido pelos antigos aliados do PCB. No início de 1944, Carlos Lacerda assumiu o cargo de secretário de **O jornal**, o mais importante diário no grupo de comunicação criado por Assis Chateaubriand. Na nova função, reorganizou a equipe e aumentou o número de repórteres. Em julho de 1944, no entanto, pediu demissão do cargo. Por escrito, o jornalista reclamou do baixo salário e da falta de autonomia para tomar decisões.

Carlos Lacerda passou a atuar como repórter *freelancer* para os jornais **Correio da Manhã** e **Diário Carioca**. O jornalista entrevistou José Américo de Almeida, cujas ambições presidenciais haviam sido esmagadas pela implantação da ditadura do Estado Novo em 1937. Em suas respostas, o político paraibano defendeu a redemocratização do Brasil. A entrevista foi publicada em 22 de fevereiro de 1945 no jornal **Correio da Manhã**. Representou o fim da censura à imprensa.

No artigo intitulado “A mão estendida e a liquidação moral”, publicado no Correio da Manhã, em 27 de maio de 1945, Carlos Lacerda rompeu com Luis Carlos Prestes e o PCB. No texto, o jornalista criticou as ações do governo de Getúlio Vargas e a adesão de última hora de Prestes às ideias do caudilho gaúcho. Conforme John Dulles, o artigo “foi uma bomba, lido e discutido em rodas políticas e intelectuais e elogiado por esquerdistas e outros horrorizados com a atitude de Prestes em favor de Vargas.” (DULLES, 1992, p. 84).

No final de 1945, os brasileiros estavam envolvidos na escolha do novo presidente da República. Carlos Lacerda soube que Luis Carlos Prestes havia nomeado para candidato presidencial pelo PCB Iedo Daudt Fiúza, prefeito de Petrópolis na década de 1930, e, desde 1937, diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, DNER.

De 22 de novembro de 1945 até 2 de dezembro, dia das eleições, Carlos Lacerda publicou uma série de matérias sobre irregularidades praticadas por Iedo Fiúza no exercício de cargos públicos. Conforme John Dulles:

Ferozes, os artigos causaram esmorecimento a Prestes e consternação a Fiúza, iniciando os leitores num estilo jornalístico que veio a ser um aspecto do lacerdismo. Os artigos tornaram Carlos famoso como o jornalista político mais sensacionalista do Brasil e combatente anticomunista. (DULLES, 1992, p. 84).

Graças às matérias de Carlos Lacerda, Fiúza ficou conhecido como **o rato**, candidato comunista que havia apoiado atividades integralistas contra os próprios comunistas e feito fortuna com negócios desonestos enquanto ocupava cargos públicos. Eurico Gaspar Dutra venceu as eleições e tomou posse como presidente em 31 de janeiro de 1946.

A primeira edição da Tribuna da Imprensa, jornal fundado por Carlos Lacerda, foi às ruas em 27 de dezembro de 1949. A publicação enfrentava um permanente déficit nas contas. Outra dificuldade era o alcance. De acordo com John Dulles, “a tiragem do periódico não ultrapassava 19 mil exemplares”. (DULLES, 1992, p. 130). A principal atração do jornal se achava nos enérgicos artigos de Lacerda, geralmente publicados na quarta página.

Carlos Lacerda foi eleito e reeleito deputado federal pelo Rio de Janeiro em 1954 e 1958. Em 1960, venceu a disputa para governar o estado da Guanabara (hoje, cidade do Rio de Janeiro). Na noite de 24 de agosto de 1961, em

pronunciamento pelo rádio e televisão, o jornalista revelou ao país que o presidente Jânio Quadros pretendia fechar o Congresso e governar o Brasil em um regime de exceção. Jânio renunciou no dia seguinte.

Em julho 1962, Carlos Lacerda vendeu o jornal Tribuna da Imprensa. Em 13 de dezembro de 1968, foi promulgado o Ato Institucional número 5, que aumentou os poderes repressivos da ditadura militar. Lacerda foi preso na manhã de 14 de dezembro. O jornalista foi libertado em 21 de dezembro. Nove dias depois, teve os direitos políticos suspensos por 10 anos. O jornalista morreu em 21 de maio de 1977.

As dificuldades financeiras fizeram Samuel Wainer sair de casa aos 12 anos. Ele foi para o Rio de Janeiro, morar com seu irmão Artur. Wainer iniciou suas atividades como jornalista na antiga Capital Federal. Contribuiu na edição do jornal da Associação de Estudantes Israelitas. Ele também ajudou Israel Dines, pai do jornalista Alberto Dines, na edição de um Almanaque Israelita, que expunha a opinião dos judeus. Em maio de 1938, Samuel Wainer, em parceria com Antônio de Azevedo Amaral, fundou a Revista **Diretrizes**.

No final de 1940, a publicação deixou de ser mensal e passou a circular semanalmente. “Com a mudança, a tiragem chegou a alcançar 20.000 exemplares”. (WAINER, 2005, p. 71). O jornalista vendeu a revista em 1945. Samuel Wainer foi contratado por Assis Chateaubriand para assumir a chefia de **O jornal**. Ele procurou modernizar a publicação, com a criação de seções e a implementação de novas técnicas de diagramação. As mudanças custaram muito dinheiro e desagradaram ao dono dos Associados. Para evitar problemas, Wainer pediu para retornar à condição de repórter.

Em fevereiro de 1949, Samuel Wainer viajou ao Rio Grande do Sul. O jornalista lembra ter visitado o Estado para fazer uma matéria solicitada por Assis Chateaubriand. Em suas memórias, Samuel Wainer afirma ter tido a ideia de entrevistar Getúlio Vargas que, desde a deposição do poder em 10 de outubro de 1945, vivia na fazenda Santos Reis, em São Borja. O ex-presidente vinha evitando sistematicamente dar declarações aos jornais.

No entanto, sem relutar, Getúlio Vargas aceitou conversar com Samuel Wainer. Durante a entrevista, fez a declaração histórica: “Eu voltarei. Mas não como líder de partidos, e sim como líder de massas” (WAINER, 2005, p. 28). A entrevista teve enorme repercussão em todo o Brasil e contribuiu para colar em Wainer a

imagem de grande repórter. Vargas foi eleito presidente da República em 3 de outubro de 1950. Pouco antes da posse do presidente Getúlio Vargas, Samuel Wainer começou a pensar na criação de um jornal. Menos de um ano depois, em 12 de junho, o vespertino **Última Hora** chegava às bancas. Samuel Wainer morreu, em São Paulo, no dia 2 de setembro de 1980.

4 O SURGIMENTO DO JORNAL ÚLTIMA HORA E O APOIO DE GETÚLIO VARGAS

Após o retorno de Getúlio Vargas ao poder, Samuel Wainer decidiu que era hora de ter o seu próprio jornal. O projeto ganhou força após uma conversa com presidente, ocorrida em 2 de fevereiro de 1951, segundo Wainer (2005). Estimulado pelo político gaúcho, o jornalista decidiu dar sequência ao seu propósito. Em março, após comentar com o diplomata José Jobim que procurava uma oficina para imprimir o jornal, Samuel Wainer soube por este que seria possível fechar um acordo com José Eduardo Macedo Soares, dono do **Diário Carioca**.

A publicação possuía um prédio próprio com quatro andares, na avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro. O jornal devia ao Banco do Brasil. As máquinas do parque gráfico estavam hipotecadas à Caixa Econômica Federal.

Após ter adquirido dos proprietários do **Diário Carioca** a gráfica Erica, Samuel Wainer passou a procurar financiadores para o periódico. O jornal **Última Hora**, do Rio de Janeiro, uma publicação vespertina, saiu às ruas pela primeira vez em 12 de junho de 1951. Era o início de uma cadeia que seria composta no futuro por sete jornais, uma revista semanal e uma emissora de rádio.

Quando voltou ao poder, em janeiro de 1951, Getúlio Vargas encontrou um Brasil diferente do que ele havia deixado em 1945, quando foi deposto da presidência. O início dos anos 1950 marcava a crescente divisão entre os apoiadores e críticos do **pai dos pobres**.

Era já rotina a abertura de generosos créditos a empresas jornalísticas, nos estabelecimentos bancários e previdenciários do Estado. Vargas julgou que esse caminho, largamente batido, lhe permitiria ter pelo menos um órgão oficioso, de base popular, capaz de permitir-lhe enfrentar a maciça frente dos jornais controlados pelas agências estrangeiras de publicidade. Foi assim que vultosos e rápidos créditos possibilitaram, em 1951, a Samuel Wainer fundar o vespertino *Última Hora*, que logo conquistou lugar de destaque na imprensa carioca e brasileira. (SODRÉ, 1989, p. 458).

“A circulação da **Última Hora** passou a crescer rapidamente. Chegou a 100 mil exemplares (e mais de 150 mil às segundas-feiras, quando não havia jornais matutinos)”. (DULLES, 1992, p. 143). Em suas memórias, Carlos Lacerda lembra o impacto do lançamento do jornal de Samuel Wainer no mercado carioca.

Um jornal que, pelo mesmo preço que a gente vendia os outros jornais, fornecia um suplemento colorido diário, pagava os melhores salários da praça e arrebanhou tudo o que pudesse haver de melhor em matéria de colaboração e de técnicos. A *Última Hora* destruía os outros jornais fornecendo ao leitor, pelo mesmo preço, muito mais que os outros jornais podiam dar. (LACERDA, 1978, p. 125).

A contribuição do governo Vargas para financiar a fundação de **Última Hora**, a crescente vendagem do jornal de Samuel Wainer e a maior divisão do mercado de anunciantes, atiçou a ira dos demais donos de jornais do Rio de Janeiro contra Wainer e o seu jornal.

5 O CASO ÚLTIMA HORA

Os episódios que compõem o caso **Última Hora** tiveram início em 1953. Em 20 de maio, a **Tribuna da Imprensa** publicou uma entrevista supostamente concedida por Herófilo Azambuja, que seria o interventor do Banco do Brasil na gráfica Erica. O seu objetivo era recuperar o dinheiro investido pela instituição financeira na fundação de **Última Hora**. A divulgação da matéria foi acompanhada de uma série de desmentidos.

Os representantes do jornal **Última Hora** e da gráfica Erica processaram Carlos Lacerda. O gerente de crédito e o presidente do Banco do Brasil declararam não haver nenhuma intervenção no periódico de Samuel Wainer. “Dias depois, o repórter Natalício Norberto, autor da entrevista com Herófilo Azambuja, deixou a **Tribuna da Imprensa** e entrou para equipe da **Última Hora**, onde, em entrevista, declarou ter sido pressionado por Lacerda a forjar as declarações”. (DULLES, 1992, p. 155).

Conforme John Dulles, “Carlos, cuja reação a um contratempo era partir para a ofensiva, reuniu-se com os repórteres da **Tribuna**. Recrutou o apoio destes para uma campanha a todo vapor contra a **Última Hora**.” (DULLES, 1992, p. 155). A reação de Lacerda já foi vista no dia 21 de maio de 1953. No artigo intitulado “O que

é a *Érica*”, o jornalista denunciava o favorecimento do Banco do Brasil na concessão de empréstimos a pessoas próximas ao governo:

A *Érica*, empresa que edita a *Última Hora* e *Flan*, é [...] presidida pelo ex-embaixador nos Estados Unidos, Carlos Martins Pereira de Souza, parente do sr. Getúlio Vargas. Seus sócios são os srs. Luís Fernando (“Baby”) Bocaiúva Cunha, genro do ministro da Educação; Dinarte Dorneles, parente do sr. Getúlio Dorneles Vargas; Adolfo Alencastro Guimarães; Raul Amaral Peixoto, irmão do governador Amaral Peixoto; Carlos de Souza Gomes [...]. Assim, o Banco do Brasil emprestou a pessoas ligadas por parentesco ao Presidente da República Cr\$ 64 milhões sobre uma propriedade. Além dessa hipoteca, há letras e títulos vencidos, que perfazem um total de cerca de Cr\$ 150 milhões. (MENDONÇA, 2002, p. 133-4).

Na edição de 23-24 de maio de 1953 da **Tribuna da Imprensa**, Carlos Lacerda, no artigo “Felipetto II quer mais 20 milhões”,¹⁵ criticou o empréstimo do Banco do Brasil para **Última Hora**:

Wainer procura desculpar-se perante a opinião pública com uma típica manobra diversionista, que consiste em tomar a ofensiva para ver se o povo esquece que o *jornal das massas*, financiado com cerca de 200 milhões de cruzeiros pelo Banco do Brasil, está com um fiscal do credor lá dentro... Vai ser muito divertida e muito instrutiva a ação de perdas e danos contra a *Tribuna da Imprensa*. O Banco do Brasil que se prepare. Feche os guichês a Wainer – e abra os livros para nós. (TRIBUNA DA IMPRESA, 23-24/05/1953, p. 4).

Em 25 de maio de 1953, no artigo “Três fatos e uma confissão”, Carlos Lacerda voltou a afirmar que a *Érica* e a **Última Hora** estavam sob intervenção do Banco do Brasil:

O Banco do Brasil designou interventor para a *Última Hora*, formalmente para a *Érica*, editora desse jornal. Chamam ao interventor fiscal. Wainer, que a dirige, chama o fiscal *advogado do Banco*. O fiscal Azambuja nega ser advogado e se diz *delegado* do Banco. Fiscal, delegado, advogado ou que outro título lhe queiram dar. Seus poderes são de interventor, pelo contrato de hipoteca com o qual Wainer levantou o ano passado, em dois meses, mais de Cr\$ 62 milhões. Isto é um fato. Wainer, afinal, confessou que tem dentro de casa um fiscal do seu principal credor, que é o Banco oficial [...] Certo, porém, é que a *Última Hora* é até hoje o único jornal que tem dentro um fiscal do Banco do Brasil. (ÚLTIMA HORA, 25/05/1953, p. 4).

O caso **Última Hora** não ficou restrito às páginas dos jornais. A polêmica sobre os empréstimos irregulares do Banco do Brasil chegou até o Congresso. Após pedido de Carlos Lacerda, o deputado federal Armando Falcão passou a defender

² Todos os artigos de Carlos Lacerda foram publicados na página 4 da **Tribuna da Imprensa**.

uma investigação sobre a relação entre as empresas de Samuel Wainer e o banco estatal. O pedido do congressista para que uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) investigasse os negócios do grupo Wainer foi apresentado em 27 de maio de 1953.

Em 2 de junho de 1953, o jornal **O Globo** divulgou uma entrevista com Loureiro da Silva, diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil. O dirigente afirmou que não havia facilitado empréstimos a Samuel Wainer. A resposta de Carlos Lacerda veio no dia seguinte no artigo “Ditadura econômica e financeira”.

Aludiu [Loureiro da Silva] ao escândalo da *Última Hora* como uma “polêmica entre combativos jornalistas concorrentes”. Não há polêmica – porque só há um jornalista, que sou eu. Wainer é um escroc. Jornal, para ele, é gazua. Onde estão os seus artigos refutando as provas que apresentamos, o *Diário de Notícias*, *O Dia*, *A Notícia*, *O Mundo*, o *Diário Carioca*, a *Tribuna da Imprensa*, o deputado Baleeiro, o deputado Armando Falcão, e vários outros jornais e homens públicos? Insultar, difamar e negar peremptoriamente não basta para destruir provas documentais, certidões, balanços, depoimentos idôneos. Também não há concorrência. Na concorrência, fomos derrotados. Não tenho motivos para não dizer: os anunciantes corriam para a *Última Hora*, que vende mais e dá melhores condições do que nós, imprime um jornal mais farto e mais variado, mais caro, em suma, distribui brindes, sustenta uma vasta redação paga com salários mais altos do que os de qualquer jornal do mundo, etc. Sabem quem custeia tudo isso? O Banco do Brasil. Não podemos, portanto, concorrer com o Banco do Brasil. É um escárnio o que diz o senhor Loureiro. É um insulto à imprensa honrada – e uma vergonhosa simulação, indigna de um homem de bem. (O GLOBO, 3/06/1953, p. 4).

No decorrer dos dias, a **Tribuna da Imprensa** seguiu dando publicidade aos acontecimentos da CPI sobre as empresas de Samuel Wainer. Carlos Lacerda não tinha condições de sustentar sozinho a luta contra Wainer. Ao contrário da **Última Hora**, a **Tribuna da Imprensa** tinha uma pequena circulação. “Para se ter uma ideia, no início da campanha, o jornal de Lacerda subiu a vendagem para 24.700 exemplares.” (DULLES, 1992, p. 164). “Quase nada se comparada à tiragem da **Última Hora** em janeiro de 1953: 141.150 exemplares.” (LAURENZA, 1998, p. 53).

A sorte de Carlos Lacerda mudou com a adesão de duas figuras de peso na campanha contra Samuel Wainer: Assis Chateaubriand e Roberto Marinho. Na biografia do dono dos Diários Associados, Fernando Morais relata o abalo que os jornais criados por Wainer provocaram na estrutura do grupo.

O sucesso indiscutível de *Última Hora* vinha se transformando de pequena dor de cabeça em uma ameaça em potencial aos interesses do dono dos Associados. Um ano depois de lançado no Rio, o jornal punha nas ruas de São Paulo, com igual impacto, uma edição paulista... Além de planejar instalar, ainda em 1953, uma estação de rádio, Wainer lançara no Rio e em São Paulo, também com enorme aceitação popular, o semanário ilustrado *Flan*. Para Chateaubriand, o objetivo a longo prazo de toda aquela movimentação era um só: destruir os Diários Associados. A devastação que a *Última Hora* produzia sobre o *Diário da Noite* do Rio era visível a qualquer leigo – e ele sabia onde aquilo podia parar. Era preciso matar no ovo a serpente chamada Samuel Wainer. (MORAIS, 1994, p. 550-1).

Assis Chateaubriand viu, na campanha movida por Carlos Lacerda, a oportunidade de destruir Samuel Wainer, um adversário que dava passos semelhantes ao que ele dera nos anos 1920 e 1930, período da construção do seu império jornalístico. O dono dos Diários Associados decidiu entrar na briga.

Sua primeira decisão nesse sentido foi destacar o melhor repórter da cadeia, David Nasser, para se juntar em tempo integral a Lacerda e a Armando Falcão (que lhe parecia o deputado mais interessado na destruição de *Última Hora*). Depois de atribuir a David Nasser a tarefa de “reduzir a pó tanto Wainer como seu jornal infecto”, Chateaubriand deu o golpe de misericórdia: suas duas estações de televisão, no Rio e em São Paulo, deveriam ser colocadas à disposição de Lacerda para que ele popularizasse a campanha contra Wainer. (MORAIS, 1994, p. 551).

O ingresso de Roberto Marinho na campanha contra a **Última Hora** deu-se de maneira inercial. Carlos Lacerda apenas passou a utilizar um programa que já possuía na Rádio Globo para fustigar Samuel Wainer. A atração do dono da **Tribuna da Imprensa** na emissora se chamava “Conversa em Família”.

O programa ‘Conversa em Família’, na Rádio Globo, batia todos os recordes de audiência. O país não conseguia dormir e se calava para escutar um demolidor com a palavra, reputado até hoje como o maior tribuno que o Brasil já teve: ao microfone da Rádio Globo, Carlos Lacerda atacava implacavelmente Getúlio Vargas e desmoralizava o governo, noite após noite, varando madrugadas. A pregação alcançava quase todo o país. O público ouvinte não se limitava ao Rio. Há relatos de viajantes que, ao caminhar por cidades do interior, altas horas, acompanhavam a voz de Lacerda num multiestereofônico artesanal: em todos os domicílios, a mesma sintonia. Mesmo um transmissor pequeno – e o da Rádio Globo tinha estão 50 quilowatts – ganha potência à noite, as ondas médias de rádio, AM, viajam melhor no escuro. Durante o dia, a Globo só pegava no Rio. À noite, cobria o Brasil inteiro, Manaus, Pará e Recife recebiam o sinal da Rádio Globo com clareza. (BIAL, 2005, p. 176).

Os discursos de Carlos Lacerda na rádio eram publicados no dia seguinte na coluna “O Globo na Rádio”, do jornal **O Globo**. Com os apoios de Assis

Chateaubriand e Roberto Marinho, Carlos Lacerda conseguiu transformar o caso **Última Hora** em um escândalo nacional. O conflito ganhou novos contornos em 12 de julho de 1953.

Os mais importantes jornais de Chateaubriand publicavam uma mesma manchete, fruto de uma pista que David Nasser, com ajuda de Armando Falcão e Carlos Lacerda, vinha perseguindo fazia vários dias: 'Wainer não nasceu no Brasil'. (MORAIS, 1994, p. 553).

David Nasser descobriu, nos arquivos do Ministério da Educação, um documento do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, onde Samuel Wainer estudara. No papel, Artur Wainer, irmão mais velho de Samuel, revelava que o dono da **Última Hora** havia nascido em Edenitz, uma aldeia da Bessarábia - parte da Transilvânia, transformada em território da União Soviética, depois da Segunda Guerra Mundial. Em suas memórias, Wainer relata as reações à revelação da sua nacionalidade:

Compreendi de imediato que a manobra teria um impacto fortíssimo. Primeiro, porque eu sempre estivera na vanguarda das campanhas nacionalistas – o nacionalismo talvez fosse a principal bandeira da *Última Hora*, e ficaria difícil sustentar tal postura na condição de estrangeiro. Depois, porque a denúncia... suscitaria uma complicada questão legal, já que, segundo a Constituição, tanto estrangeiros quanto brasileiros naturalizados não podem ser donos de jornal. (WAINER, 2005, p. 231).

Neste momento, como argumenta Marina Gusmão de Mendonça, “a campanha atingiu o auge” (MENDONÇA, 2002, p. 135). No artigo “Nosso objetivo”, publicado na **Tribuna da Imprensa**, em 27 de julho de 1953, Carlos Lacerda reafirmou suas motivações ao investigar as empresas de Samuel Wainer:

Nosso objetivo não é, não pode ser apenas o afastamento de Samuel Wainer da direção da *Última Hora*. Nós pretendemos conseguir, para decoro da Nação e garantia do regime democrático, que se extinga do Brasil a intervenção do poder econômico do Estado na liberdade de informação e opinião. A *Última Hora* é o caso agudo dessa intervenção. Samuel Wainer, o instrumento do *dumping* contra a imprensa. Se Wainer está nas últimas, no entanto ainda não chegamos ao fim. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 27/07/1953, p. 4).

O dono da **Tribuna da Imprensa** também exigiu uma ação mais enérgica do governo federal contra Samuel Wainer e seu jornal:

O país espera que o Governo cumpra o seu dever. Até aqui temos cumprindo o nosso, a duras penas. Quando chegará a vez do Executivo reabilitar-se, reconciliando-se com a Nação? Que espera o Governo para agir? (TRIBUNA DA IMPRENSA, 27/07/1953, p. 4).

Na edição de 8-9 de agosto de 1953, no artigo “Não ceder, não recuar, não silenciar”, Carlos Lacerda reafirmou o compromisso da **Tribuna da Imprensa** com a democracia e criticou a demora do presidente Getúlio Vargas em punir os culpados.

Se o sr. Getúlio Vargas já não é capaz de compreender estas coisas, saia enquanto é tempo e poupe à Nação da desgraça de se ver traída por um homem no fim da vida. Ele não tem o direito de encerrar sua carreira política com uma tragédia nacional provocada pelo seu pendor pelos aventureiros. De Wainer a Jango, os erros do presidente são demasiados. E o que é pior, ele tarda em corrigi-los. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 8-9/08/1953, p. 4).

No artigo “A inércia do responsável”, publicado na **Tribuna da Imprensa**, em 10 de agosto de 1953, Carlos Lacerda voltou a criticar o governo federal por não agir contra Samuel Wainer:

Não adianta, porém, o sr. Getúlio Vargas negacear. O povo inteiro vê, compreende e sente que ele é o principal responsável. Sua única oportunidade de recuperação seria a ação imediata, enérgica, a demonstrar que foi traído e que se dispõe a corrigir os efeitos da traição sobre a economia nacional e a situação política do país. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 10/08/1953, p. 4).

6 A REPERCUSSÃO DAS DENÚNCIAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Carlos Lacerda conseguiu levar seus argumentos a todo o país. De Norte a Sul, as pessoas tomaram conhecimento do envolvimento de Samuel Wainer com o presidente da República e seus aliados.

Toda a imprensa concentrou-se, então, em demonstrar o óbvio: que esse jornal [*Última Hora*] só se tornara possível pela concessão de grandes empréstimos nos estabelecimentos oficiais de crédito. Foi a operação que ocupou a grande imprensa em 1953 e que se arrastaria por alguns meses: era necessário pôr a descoberto os empréstimos levantados pelo vespertino oficioso [...] (SODRÉ, 1989, p. 460).

Sodré afirma “que a campanha penetrou fundo no espírito dos leitores, mobilizou a opinião, abalou o Governo” (SODRÉ, 1989, p. 461). Em 1951, Samuel Wainer havia assumido o controle da Rádio Clube. A transação teve o apoio do

presidente da República. No momento da compra, o proprietário da **Última Hora** decidiu colocar a emissora no nome do escritor Marques Rebello. Em 1953, durante a campanha contra Wainer, Carlos Lacerda e Assis Chateaubriand tornaram publica a manobra. O episódio resultou em um revés para Samuel Wainer.

A 30 de julho [de 1953], Vargas assinou um decreto, por recomendação de José Américo, ministro da Viação, fechando a Rádio Clube por Wainer haver transferido a maioria das ações para o escritor Marques Rebello sem a permissão do Ministério da Viação. O decreto, baseado neste detalhe técnico, deixou Wainer com a dívida da Rádio Clube, que já estava com problemas financeiros. Pior ainda, com o decreto, o público (inclusive os anunciantes da *Última Hora*) ficou ciente de que não se poderia contar com Vargas para ajudar Wainer. (DULLES, 1992, p. 159-60).

Outro golpe nas pretensões de Samuel Wainer foi a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) instaurada na Câmara dos Deputados para investigar os negócios do jornalista com o Banco do Brasil. Em suas memórias, o deputado Armando Falcão recorda que a CPI:

[...] efetuou cuidadosas apurações, ficando afinal demonstrado que ocorreram financiamentos irregulares com dinheiros públicos administrados pelo Banco do Brasil, assim como houve saque de cheques sem fundos, favorecimento da Editora *Última Hora* e da Rádio Clube do Brasil com excepcionais contratos de publicidade celebrados com o Banco do Brasil e com o SESI, e também estranhos financiamentos particulares obtidos junto a grandes industriais e capitalistas. (FALCÃO, 1989, p. 62).

A CPI funcionou entre 27 de março e 3 de novembro de 1953, quando foi apresentado o relatório final. “Ficou comprovado que, entre 1951 e 1953, o Banco do Brasil forneceu às empresas de Samuel Wainer Cr\$ 279.685.424,00 (duzentos e setenta e nove milhões, seiscentos e oitenta e cinco mil, quatrocentos e vinte e quatro cruzeiros)”. (FALCÃO, 1989, p. 68).

A Comissão Parlamentar de Inquérito concluiu que “os financiamentos do Banco do Brasil às empresas do Grupo Samuel Wainer, além de excessivos em relação às garantias dadas, realizaram-se à margem das condições normais, violando dispositivos legais estatutários e regulamentares.” (FALCÃO, 1989, p. 69).

As ofensivas contra Samuel Wainer passaram a repercutir na **Última Hora**.

O jornal mantinha a qualidade, mas já começava a sofrer as consequências da retração dos anunciantes; ao perceberem que o cerco se fechava, eles procuravam afastar-se do alvo da maldição. A certa altura, os salários passaram a ser pagos com atraso, ou através de expedientes um tanto extravagantes. No dia do pagamento, alguns de meus jornalistas recebiam, em vez de dinheiro, geladeiras, panelas de pressão, coisas desse tipo. Tais dificuldades, num primeiro momento, envolveram a luta numa atmosfera romântica. Mas todos sabíamos que não poderia ser sempre assim [...] (WAINER, 2005, p. 236).

Getúlio Vargas acolheu uma sugestão de Samuel Wainer e decidiu executar a dívida da Última Hora com o Banco do Brasil. A medida foi saudada por Carlos Lacerda no artigo “Primeira vitória. A luta continua”, publicado em 1º de setembro de 1953.

O povo ganhou a primeira grande vitória. A Érica e a *Última Hora* serão executadas por irregularidades no cumprimento dos contratos com o Banco do Brasil. Essa decisão, tomada pelo sr. Getúlio Vargas, de acordo com os ministros da Fazenda e da Justiça, restabelece autoridade do governo e restaura, de certo modo, o respeito público pela autoridade legítima (ULTIMA HORA, 1º/09/1953, p. 4).

No mesmo artigo, Carlos Lacerda parabeniza o presidente da República pela decisão: “[...] cabe aqui felicitar o sr. Getúlio Vargas. Mais do que isto, celebrar com ele a vitória sobre si mesmo, a dura vitória que conquistou sobre os erros e até crimes a seu redor acumulados.” (ULTIMA HORA, 1º/09/1953, p. 4).

Em suas memórias, Samuel Wainer afirma que saldou a dívida da **Última Hora** com o Banco do Brasil. O pagamento ocorreu em 8 de setembro de 1953. De acordo com a conclusão da Comissão Parlamentar de Inquérito, Samuel Wainer devia ao Banco do Brasil Cr\$ 279.685.424,00 (duzentos e setenta e nove milhões, seiscentos e oitenta e cinco mil, quatrocentos e vinte e quatro cruzeiros). (FALCÃO, 1989, p. 68). No entanto, os Cr\$ 8 milhões pagos por Wainer ao Banco do Brasil na época representam, na prática, uma pequena parcela do que era devido.

Em 9 de setembro de 1953, no artigo “O triste fim de Osvaldo Aranha”, Carlos Lacerda criticou a manobra que permitiu a Samuel Wainer aparentemente quitar a sua dívida com o Banco do Brasil, pagando apenas 8 milhões de cruzeiros. A ação foi autorizada por Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda na época.

O povo inteiro vibrou, ante a prova da negociata. Para quê? Para o Banco do Brasil receber 8 milhões. O sr. Marcos de Souza Dantas, precedido de um diploma de honradez, assumiu a direção do Banco Oficial, tirando dali o general Anápio, ferido pelo ódio oficial. Para quê? Para receber 8 milhões. O sr. Osvaldo Aranha tropeja e corisca. Para quê? Para que o Banco receba, sem perda de tempo, 8 milhões. Tudo, afinal, se resume em 8 milhões. A Pátria está em perigo! Pois se cobram 8 milhões e tudo fica em paz. O governo é apanhado em flagrante de favoritismo, com a confissão dos implicados. Mas não há de ser nada. Cobram-se 8 milhões – e não se fala mais nisso. (ÚLTIMA HORA, 9/09/1953, p. 4).

O relatório da CPI que investigava os negócios de Samuel Wainer escancarou as relações entre o dono da **Última Hora** e o presidente da República. A comprovação de que, direta ou indiretamente, Getúlio Vargas havia ajudado na criação do jornal de Wainer aumentou o tom da crítica de Carlos Lacerda contra o governo. Para Marina Gusmão de Mendonça: “Ao dar a Wainer as condições para desequilibrar inteiramente o jogo de forças do mercado jornalístico, o Presidente forneceria também aos seus adversários um alvo através do qual poderiam (e tentariam) atingi-lo”. (MENDONÇA, 2002, p. 127).

A crise chegou ao Palácio do Catete.

A derrota imposta pela classe política ao grupo oficial [na CPI] levou os governistas ao desespero. Essa derrota foi, sem dúvida, o embrião do movimento de confronto de forças políticas antagônicas que produziu, infelizmente, o desfecho trágico de 24 de agosto de 1954. (FALCÃO, 1989, p. 74).

Em março de 1954, Carlos Lacerda aceitou se candidatar a deputado federal pela UDN. Com os recorrentes atentados contra o jornalista, quatro oficiais da Aeronáutica (Gustavo Borges, Américo Fontenelle, Moacir Del Tedesco e Rubens Florentino Vaz) se ofereceram para garantir sua segurança.

Na noite de 4 de agosto de 1954, o major Rubens Vaz fazia acompanhava Carlos Lacerda. Já havia passado alguns minutos da meia-noite quando Vaz, Carlos e Sérgio Lacerda chegaram à rua Toneleros, onde o jornalista morava.

Ao descer do carro, Carlos Lacerda percebeu que havia alguns homens parados do outro lado da rua. Ele ordenou que o filho entrasse pela garagem e o seguiu. O pistoleiro Alcino do Nascimento atravessou a rua e disparou contra o jornalista, atingindo o pé esquerdo dele.

O major Vaz, desarmado, desceu do carro e entrou em luta corporal com o pistoleiro. O militar levou dois tiros e morreu na hora. “Perante Deus”, escreveu Carlos na **Tribuna da Imprensa** de 5 de agosto de 1954:

Acuso um só homem como responsável por esse crime. É o protetor dos ladrões, cuja impunidade lhes dá audácia para atos como o desta noite. Esse homem chama-se Getúlio Vargas [...]. Rubens Vaz morreu na guerra. Morreu esse querido amigo, na mais terrível, na mais insidiosa das guerras: a de um povo inerme contra os bandidos que constituem o governo de Getúlio Vargas. (DULLES, 1992, p. 179).

Durante a investigação da Aeronáutica, ficou provado que Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas, havia ordenado o assassinato de Carlos Lacerda. Gregório teve o apoio de Climério Euribes de Almeida, que contratou o pistoleiro Alcino João do Nascimento para executar o serviço.

A confirmação do envolvimento de figuras do governo federal com o atentado fez aumentar o teor dos ataques de Carlos Lacerda contra o presidente Getúlio Vargas. A oposição, segmentos do exército e a população começaram a exercer uma pressão pela saída do político gaúcho da presidência da República. Acuada, **o pai dos pobres** se suicidou na manhã de 24 de agosto de 1954.

Apesar de estar diretamente ligado ao presidente da República, **Última Hora** conseguiu sobreviver ao suicídio de Getúlio Vargas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carlos Lacerda é um produto do tempo em que viveu. Atacou e foi atacado com a violência característica da imprensa brasileira nas primeiras cinco décadas do século XX. Destacou-se, talvez, por ter mais talento que os seus colegas. A análise do Caso Última Hora permite constatar que Lacerda não mentiu quando revelou que Samuel Wainer havia recebido empréstimos irregulares do Banco do Brasil. A denúncia foi comprovada pela investigação da CPI. Lacerda também falou a verdade quando afirmou que o adversário não havia nascido no Brasil. A prova definitiva está na edição da autobiografia de Samuel Wainer, lançada em 2005. Na obra, é revelado que o dono da Última Hora nasceu mesmo na Bessarabia.

O Caso Última Hora ficou perdido nos porões da História. No entanto, é um episódio fundamental para entender como se chegou até a crise que levou um presidente da República ao suicídio. O aparente conflito entre jornalistas concorrentes transformou-se em um escândalo nacional. O avanço das denúncias da imprensa e a investigação da CPI deixaram claro o vínculo entre as empresas de Samuel Wainer e o presidente Getúlio Vargas.

Foi o primeiro ato marcante de corrupção descoberto na gestão do pai dos pobres. O episódio colaborou para dar munição para a União Democrática Nacional, principal partido de oposição, e segmentos da imprensa criticarem diariamente o governo. Acuados, os aliados do presidente tiveram a ideia de silenciar Carlos Lacerda, voz mais eloquente na luta contra Getúlio Vargas.

O atentado fracassou e deixou o presidente diante de um precipício. O resto da história todo mundo conhece.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de (org.). **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República (de 1930 a 1960)**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BIAL, Pedro. **Roberto Marinho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAO, Eptácio. **Carreirista da traição**. Rio de Janeiro: Panfleto, 1956.

DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda: a vida de um lutador (volume 1: 1914-1960)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. **Carlos Lacerda: a vida de um lutador (volume 2: 1960-1977)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FALCÃO, Armando. **Tudo a declarar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FAUSTO, Boris (coord.). **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

GOODWINS, Doris Kearns. **Tempos muito estranhos: Franklin e Eleanor Roosevelt: o front da Casa Branca na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOHLFELDT, Antonio; CAROLINA, Backup. **Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Brasil, 1995.

LACERDA, Carlos. A câmara e a liberdade. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 28 maio 1953.

_____. A corrupção de Lutero Vargas. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 19 ago. 1953.

_____. A inércia do responsável. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 10 ago. 1953.

_____. **A missão da imprensa**. São Paulo: EDUSP, 1990.

_____. Bagatela. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 20 ago. 1953.

_____. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. Ditadura econômica e financeira. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p.4, 3 jun. 1953.

_____. Duas táticas: a do banco e a do partido. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 5 jun. 1953.

_____. Felipetto II quer mais 20 milhões. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p.4, 23-24 maio 1953.

_____. Não ceder, não recuar, não silenciar. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 8-9 ago. 1953.

_____. Nosso objetivo. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 27 jul. 1953.

_____. O inquérito é no Banco, não nos jornais. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 27 mai. 1953.

_____. O PSD, a comissão e o conselho de segurança. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 2 jun. 1953.

_____. O suspiro do sr. Brito. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 29 maio 1953.

_____. O triste fim de Osvaldo Aranha. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 9 set. 1953.

_____. Primeira vitória. A luta continua. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 1º set. 1953.

_____. Prisão feita, confusão desfeita. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 20 jul. 1953.

_____. Subsídio à comissão de inquérito. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p.4, 1º jun. 1953.

_____. Três fatos e uma confissão. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, 25 mai. 1953.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer (O Corvo e o Besserabiano)**. São Paulo: Senac, 1998.

LEÃO, Danuza. **Quase tudo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

MEDEIROS, Benício. **A rotativa parou!** Rio de Janeiro, 2009.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. São Paulo: Códex, 2002.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. São Paulo: CIA das Letras, 1994.

MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Brasil em perspectiva**. São Paulo: Difel, 1981.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **O Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.

PEREZ, Maurício Dominguez. **Lacerda na Guanabara**. Rio de Janeiro: Odisseia Editorial, 2007.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 1990.

SILVA, Hélio. **29 de outubro (1946-1950)**. São Paulo: Três, 1975.

_____. **1954: um tiro no coração**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A República (uma revisão histórica)**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989.

_____. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. São Paulo: Planeta, 2005.

YOUNG, Jordan. **Brasil 1954/1964: fim de um ciclo civil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.